

CADERNOS AA

TORRÃO DOS INFERNOS: O IMAGINÁRIO DO MAL EM DANTE MILANO E NAURO MACHADO

Alexandre Fernandes Corrêa¹
Universidade Federal do Maranhão

Introdução à análise cultural do imaginário do mal expresso nas obras de dois poetas brasileiros de regiões diferentes do país. Trata-se de um estudo comparativo entre as poesias de Dante Milano (RJ) e Nauro Machado (MA), através do qual propomos uma escavação arqueológica dos vestígios da representação do mal no inconsciente social. Este estudo trabalha com a hipótese de uma antecipação literária brasileira do “Inferno na Terra”, analisado por Wallerstein, na obra “Utopística” (2003).

Palavras-chave: antropologia, imaginário, literatura, mal, poesia

O foco da análise antropológica sobre o imaginário literário do mal, apresentada parcialmente nesse texto, recai sobre aspectos simbólicos destacados das poéticas de Dante Milano² (1899-1991) e de Nauro Machado³ (1935). Trata-se de uma proposta interpretativa a partir de duas literaturas produzidas em estados da federação distantes geograficamente, mas que possuem ressonâncias temáticas surpreendentes, permitindo

1 Email: alexandre.correa@pq.cnpq.br

2 Poeta carioca considerado um dos cinco maiores literatos do modernismo brasileiro. Publicou um único livro em 1948, com o qual recebeu o prêmio Felipe de Oliveira. Seu livro *Poesia e Prosa* teve várias edições, com adições de textos e poemas inéditos, culminando com o prêmio Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras de 1988. No decorrer desse texto encontram-se mais detalhes sobre o seu trajeto biográfico.

3 Poeta maranhense de vasta obra literária, nascido em São Luís em 1935. Autodidata com conhecimento em artes, especialmente cinema, e filosofia. Produz poesia considerada original, desenvolvendo temas universais, destacando-se entre seus contemporâneos mais imediatos, como Ferreira Gullar, Lago Burnett, José Chagas e Bandeira Tribuzi. Seus poemas questionam a essência e destinação do ser humano, cultivando apurada linguagem poética e técnica de versos. Obra que apresenta traços de reflexão existencial angustiada e violenta, encontrando poucas comparações na lírica de língua portuguesa. Trabalhou em diversos órgãos públicos, entre eles a Secretaria de Cultura do Estado do Maranhão. Nauro Machado vive em São Luís de onde se ausentou apenas por breves períodos, indo especialmente para o Rio de Janeiro e publicando nessa cidade boa parte de suas obras. Amealhou prêmios da Academia Brasileira de Letras (1999) e da União Brasileira de Escritores (2000); possui diversas obras traduzidas para o alemão, francês e inglês.

perceber variantes importantes do imaginário do *mal à brasileira*⁴. De toda uma vasta gama de temas poéticos explorados pelos dois poetas em tela, os que mais nos interessam em particular, como foco fundamental para nosso trabalho de análise simbólica, consistem nos elementos constituintes – sobressalentes nas respectivas produções artísticas – relacionados especialmente aos significantes ‘amor’, ‘sonho’, ‘morte’ e ‘mal’.⁵

Ao analisar essa constelação de significantes entrelaçados, propomos mais diretamente um estudo sobre sua presença recorrentemente associada a imagens e signos ligados ao sinistro, fantasmagórico e infernal; sob os quais, – já adiantando o alcance hermenêutico –, circunscrevemos o uso do termo ‘imaginário do mal’. A grande maioria dos críticos e analistas destas obras poéticas destaca essa característica de suas produções literárias; mas não é preciso muito esforço para vê-la confirmar-se concretamente na análise direta das obras dos dois literatos.⁶

Perscrutando a produção de Dante Milano, por exemplo, podemos indicar que do conjunto das 141 poesias que compõem toda sua obra – estruturada no que Ivan Junqueira chamou de “tripé temático” – percebemos a recorrência recalcitrante dos signos: morte, amor e sonho. Dos dados estatísticos compilados por Junqueira⁷, retirados do vocabulário da obra poética completa, registram-se 77 referências diretas à palavra “morte”, 69 para a palavra “amor”, e 58 para a palavra “sonho”.⁸ Portanto, como se pode deduzir, Milano parece ter elegido a morte como “tema nuclear de toda a sua dolorosa e crispada mentação poética”, revelando assim uma “dramática consciência agônica de si mesmo e da existência” (Junqueira, 2004:XXVI).

No caso do poeta Nauro Machado, servindo como obra comparativa, vamos nos ater a apenas três cantos de sua vasta obra literária, reunidos sob o título *Trindade Dantesca* (2008). Nesse livro, publicado em conjunto com *Litania da Velha* de Arlete Nogueira e o vídeo *Infernos* de Frederico Machado, encontramos condensado a mais recente produção literária do poeta maranhense. *A Trindade Dantesca*, nomeando o poema integral, reuniu três cantos publicados em anos diferentes. Assim temos: *A Rocha e a Rosca* (2003), *Pão Maligno com Miolo de Rosas* (2004) e *Pátria do Exílio* (2005). Soma-se a esse conjunto de cantos um poema que serve de epígrafe, intitulado *Canção do (D) Exílio*, publicado originalmente em 1986, do livro *Opus da Agonia*.

4 Expressão usada originalmente no livro, organizado por Patrícia Birman, *O Mal à Brasileira* (1997).

5 Percebe-se que não se trata de uma aproximação forçada pela imaginação do autor desse artigo considerando-se que encontramos similitudes entre os dois vates, por vezes causando espanto, como no segundo canto *Pão Maligno com Miolo de Rosas*, no qual reluz inegavelmente o brilho do verso milaniano: (...) *e escreve, em lágrima negra, / a lição que é mutilada, / para essa órfã que é cega, / e surda, e muda, e entrevada: (...)* (Machado, 2008:73). *Lagryma Negra*, título do primeiro poema publicado por Dante Milano em 1920.

6 O presente texto é um dos resultados da pesquisa que desenvolvemos desde 2005, quando do primeiro estágio de pós-doutorado realizado na UFRJ, com continuação no segundo estágio realizado em 2009, na UERJ. O livro *Museu Mefistofélico* (Corrêa, 2008) contém parte dos dados levantados nesse processo de investigação, ao qual esse texto complementa com novos aspectos. Mais informações na homepage do Grupo de Pesquisas e Estudos Culturais (CRISOL): www.crisol-gpec.com.br. Nessa oportunidade agradecemos o apoio das agências de financiamento, CNPq (2005) e FAPEMA (2009). Peço que acrescente a seguinte frase: Texto dedicado à psicanalista Adriana Cajado Costa (1973-2012), esposa do autor, falecida no corrente ano.

7 Trechos do texto de Ivan Junqueira *Dante Milano: o pensamento emocionado*, compoendo *Apresentação e Bibliografia* da Obra Reunida de Dante Milano, organizada por Sérgio Martagão Gesteira, para a Academia Brasileira de Letras (Milano, 2004).

8 Não se pode deixar de fazer referência ao fato de a palavra suicídio aparecer também com significante freqüência, num total de 6 registros, no conjunto das coletâneas que compõem sua obra completa.

Em nossa pesquisa comparativa, relacionando as possíveis simetrias recíprocas do ‘tripé temático’ sugerido pelo trabalho de Ivan Junqueira, recolhemos da obra machadiana de 2008, o número de vezes que os termos ‘Amor’, ‘Sonho’ e ‘Morte’ apareceram no poema *Trindade Dantesca*. Acrescentamos apenas o termo ‘Mal’ e seus derivativos, para dar complementação à constelação simbólica e imaginária investigada nesse artigo; além de realçar e destacar o vasto vocabulário acessório que é desfilado no decorrer dos três cantos. Assim, no nosso quadro sinóptico e estatístico encontramos os seguintes números: a) Morte: 97; b) Sonho: 36; c) Amor: 15. Para a palavra Mal, encontramos 24 referências.

Desse quadro comparativo, gostaríamos de destacar alguns aspectos que merecem atenção. Primeiro, é que estamos comparando números retirados de conjuntos distintos de obras. No caso de Nauro Machado, pesquisamos o livro de poemas *Trindade Dantesca* em que se enquadra a temática mais ampla do estudo sobre o imaginário do mal, cujos signos do ‘infernial’, ‘demoníaco’ e ‘mefistofélico’, destacam-se sobremaneira; como se verá a seguir. Como já foi adiantado, mais acima, esta obra reúne poemas (cantos) editados isoladamente no decorrer da última década.⁹ No caso de Dante Milano, recolhemos as referências da obra poética integral, qual seja do total dos 141 poemas publicados.

Ao compararmos os dois quadros estatísticos compilados fica evidente a presença espantosa do signo ‘Morte’ na análise de apenas uma obra de Nauro Machado. Enquanto em toda a poesia de Dante Milano encontramos 77 referências, na *Trindade Dantesca*, encontramos 97! Portanto, repetindo com segurança a sentença analítica proferida para o poeta Dante Milano, cunhada por Ivan Junqueira, Nauro Machado nos parece do mesmo modo ter elegido a ‘Morte’, ao menos nessa obra que analisamos, o “tema nuclear de (...) sua dolorosa e crispada mentação poética”, revelando uma “dramática consciência agônica de si mesmo e da existência” (Junqueira, 2004:XXVI). Já os outros dois termos do ‘tripé temático’ (amor e sonho) não adquirem os mesmos valores dos de Dante Milano, contudo, são importantes indicadores das características peculiares de cada literatura. É preciso apontar ainda que a palavra ‘Mal’ introduz um elemento singular que não floresce isoladamente. Junto a esse significante, encontramos uma profusão de termos indiretos, associados tanto à morte, quanto ao mal. É o que se vê num vocabulário rico com marcas do sinistro, macabro e fúnebre; do mesmo modo que em Dante Milano. São diversas e numerosas as referências diretas a *cemitério, funeral, defunto, cadáver, cova, coveiro, túmulo, sepultura, caixão, enterro*, e assim por diante; ressonâncias muito presentes do imaginário literário do mal nos dois poetas, que, como veremos, sofreram influências que vêm desde os poetas clássicos, até os românticos.

Na direção do trabalho de compreensão dos vínculos entre a vida e a obra do poeta carioca Dante Milano, infelizmente ainda desconhecido pelo grande público, foi preciso um esforço de esclarecimento dos aspectos e das bases de sustentação de sua verdadeira “gnosologia fantasmagórica”; transmutada da poética milaniana e levada à “supra-realidade” da vida. “Supra-realidade” que não é mencionada gratuitamente, pois se refere a um dos laços que vinculam os conjuntos da análise: “assombros e fabulações surrealistas” que, segundo Ivan Junqueira, caracterizam o seu “fulgurante lirismo visionário”. Como se sabe, o *lirismo visionário* marcou o poeta francês pré-surrealista Arthur Rimbaud (1854-1891), consagrado na obra *Une Saison en*

9 Todavia vê-se que no conjunto da obra a temática aqui analisada tem vasta dimensão temporal, haja vista o fato de na vastíssima bibliografia do autor, constar títulos dedicados a matéria desde os anos de 1970, como *Os Parreirais de Deus* (1975) e *Os Órgãos Apocalípticos* (1976); com destaque para *A Antibiótica Nomenclatura do Inferno* (1977).

Enfer, poesia que também deixou marcas profundas na poética de Nauro Machado. Rimbaud sobressai nesse cenário literário ao lado de Charles Baudelaire (1821-1867); ambos criadores da poesia moderna no Ocidente. Junqueira complementa:

"Dante Milano era acostumado à seleta e austera companhia dos antigos e leitor contumaz de Dante Alighieri (de quem verteu modelarmente três cantos do *Inferno*), Horácio, Virgílio e Leopardi (sobre quem escreveu um memorável estudo), bem como de outros autores italianos do *Trecento* e do *Cinquento*, dos pré-rafaelitas ingleses, de Camões e daqueles que, como Baudelaire e Rimbaud, já antecipavam a poesia moderna na segunda metade do século XIX, Dante Milano formou-se, enquanto modernista, a partir de uma herança acima de tudo classicizante" (Junqueira, 2004:XXV).

Percebemos da mesma maneira, mais uma vez, ressonâncias desse trajeto poético na obra de Nauro Machado. A leitura dos poemas dos dois poetas nos oferece oportunidade excelente para compreendermos os alcances profundos que essa estrutura mítica atingiu entre nós. Nos dois poetas observamos desfilar figuras do mundo urbano brasileiro em tipos malditos, devassos, velhacos, decrépitos, vagabundos, tresloucados, bêbados – figuras do cotidiano que denunciam, segundo Junqueira, “o fascínio (...) pelas personagens marginais, os deserdados da sociedade e os vagabundos de toda têmpera” (Junqueira, 2004:XXXIV). Somam-se a esse acervo heteróclito, diversas imagens e cenas macabras e fúnebres, num verdadeiro *baixo-relevo funerário* da vida.¹⁰

É importante também enfatizar que no poeta carioca, numa característica destacada por Sérgio Buarque de Holanda, encontramos uma “sistemática predominância do símile sobre a metáfora” (Holanda, 1978:123). Sobressai tal característica estética porque impressiona a atração do poeta pelas imagens cruas, grotescas e bizarras. Aspecto interessante, pois são imagens homólogas, e análogas, em sua maioria, ao cenário museológico das coleções do Museu da Magia Negra¹¹ hospedadas no Museu da Polícia Civil do Rio de Janeiro, o qual o poeta carioca dirigiu e trabalhou por muitos anos, até se aposentar.¹² A ausência sistemática do uso da metáfora explica, em parte, a atração e o fascínio que o poeta, e escultor bissexto, nutria pelas peças e objetos que fazem parte daquelas coleções museológicas; encenando crimes, homicídios, aberrações, monstruosidades, drogas, fetiches, etc.¹³

Ivan Junqueira escreveu sobre a importância desse ‘caráter estrutural’ da poética de D. Milano:

“No processo analógico operado através do símile não ocorre, como no caso da metáfora, nenhuma substituição de significado destinada a sugerir uma semelhança que aí apenas subentende. Ora, a linguagem

10 Destaque para o título de um dos poemas que compõe a coletânea *Distâncias* de Dante Milano (2004).

11 Coleção museológica tombada pelo IPHAN em 1938, constituindo-se no primeiro patrimônio etnográfico do Brasil. Trata-se de coleção de objetos, peças e utensílios apreendidos pela Polícia Civil do antigo Distrito Federal (Rio de Janeiro) considerados como testemunhos de práticas de bruxaria, feitiçaria e magia negra. Um estudo sobre essa coleção museológica encontra-se no livro *Museu Mefistofélico* da autoria do autor (Corrêa, 2009).

12 Desse modo, acredita-se que – ao contrário da visão modernista de Mário de Andrade, Arthur Ramos e Gilberto Freyre, entre outros – Dante Milano “via” nesse conjunto de peças e objetos expressões simbólicas do mundo do mal e satânico (mefistofélico) que povoava sua imaginação poética, sob influência de Dante Alighieri e Charles Baudelaire. Os outros autores citados, ao contrário, procuravam integrar a religiosidade negra e africana na cultura brasileira mestiça. Deve-se recordar, por exemplo, a descrição que há em *Macunaima* ([1928]1979) do terreiro da Tia Ciata, muito freqüentado por boêmios, artistas e intelectuais, na antiga Praça Onze, Centro do Rio de Janeiro.

13 Mais detalhes sobre o Museu da Magia Negra do Rio de Janeiro, ver o livro escrito pelo autor desse artigo, *Museu Mefistofélico* (Corrêa, 2009), no qual se encontra uma análise antropológica desse conjunto museológico, praticamente desconhecido em nosso país.

crua e transparente do autor jamais poderia absolver o barroquismo sensualístico em que, não raro, se resume o jogo de luz e sombra imposto pela metáfora. Assim, a comparação direta e frontal proporcionada pelo símile atenderia mais às exigências do pensamento, enquanto o processo elíptico de substituição da metáfora satisfaria, com maior pertinência, às instâncias da emoção. Vê-se, portanto, que esse predomínio do símile é antes de caráter estrutural do que propriamente formal” (Junqueira, 2004:XLIII).

Apesar de características singulares, devido a trajetória biográfica distinta, encontramos a mesma fixação pelas “imagens cruas, grotescas e bizarras”, onipresentes no texto *Trindade Dantesca* de Nauro Machado. Destarte, essa “sistemática predominância do símile sobre a metáfora” foi recolhida pelo poeta maranhense nas ruas antigas e coloniais de São Luís do Maranhão, surgindo de modo epifânico nos seus cantos.¹⁴

É de São Luís, seu torrão natal (homeland), *torrão maranhense*, que o poeta Nauro Machado ergue seus cantos da *Trindade Dantesca*; seu *torrão infernal*.¹⁵ Ao tecer o trabalho de comparação entre aspectos da poética de Nauro Machado e da obra literária de Dante Milano, promovemos uma breve pesquisa nos substratos do inconsciente cultural, através de uma culturálise de suas produções literárias, encontrando continentes profundos de onde parecem emanar as imagens predominantes em suas poéticas. Assim, no exercício de um tipo de arqueologia literária realizamos uma espécie de escavação sobre as similitudes e homologias temáticas que surgiam da leitura das duas poéticas em tela; percorrendo um trajeto histórico-cultural denso, a fim de buscar as origens e as bases de sustentação da estrutura de sentimentos constituinte do imaginário e do simbolismo do mal, salientes nas literaturas de Dante Milano e de Nauro Machado. Nossa pergunta, que sustenta a hipótese analítica desse texto, é: Será que podemos considerá-las como antecipações visionárias do nosso *Inferno na Terra*, sugerido por Immanuel Wallerstein na obra *Utopística*?¹⁶

14 São Luís que emerge *madrasta* no poema: *terra má, flor do antraz, / mãe madrasta e meretriz, / dando à minha alma sem paz / o que eu tenho e nunca quis, / no corpo que ainda em mim jaz / pisando o chão de São Luís!* (Machado, 2008:107).

15 Utilizamos o termo *torrão* no sentido de *torrão natal* (homeland), terra natal, empregado pelo geógrafo maranhense Raimundo Lopes que, aos 17 anos de idade, publicou livro famoso no Maranhão: *O Torrão Maranhense*. Obra que hoje compõe publicação reeditada conhecida como *Uma Região Tropical* (Lopes, 1970). A expressão adquiriu grande repercussão no imaginário regional, surgindo recorrentemente em *toadas* de bumba-boi e em diversas canções e poemas populares e eruditos. Utilizamos a expressão no título desse artigo já que – apesar das distinções na forma de se vincular a terra natal, peculiares em Nauro Machado e Dante Milano – os dois poetas nutriam forte afeto pelo lugar de nascimento e vida; respectivamente São Luís e Rio de Janeiro. Em breve, vamos desenvolver estudos sobre possíveis paralelos literários entre o *torrão natal* (homeland) dos poetas brasileiros e a *waste land* (terra baldia) do poeta T. S. Eliot (1888-1965). Sobre a obra *Waste Land* de Eliot, ver as análises do antropólogo mexicano Roger Bartra, em *Culturas Líquidas* (2008).

16 “Estamos passando por uma transição em que nosso atual sistema mundial, a economia mundial capitalista, estará se transformando em um outro sistema – ou em outros sistemas – mundiais. Não sabemos se essa mudança será para melhor ou para pior. E não saberemos até que cheguemos lá, um processo que pode demorar ainda uns cinquenta anos a partir do momento em que estamos. Sabemos, no entanto, que este período de transição será um período difícil para todos os que o viverem” (Wallerstein, 2003: 49).

IMAGENS DIALÉTICAS DO PARAÍSO E DO INFERNO

Uma das missões do historiador consiste em procurar afugentar do presente os demônios da História.

Sérgio Buarque de Holanda, 1959.

A dialética expressa na polarização entre o Céu e o Inferno, o Bem e o Mal, o Paraíso e as Trevas, tem presença muito marcante nas obras dos poetas carioca e maranhense que agora analisamos. Essa dialética de imagens possui um lastro no imaginário, que nos remete as estruturas muito profundas, tanto na história quanto na cultura.¹⁷ Todavia, é preciso adiantar que ao tratar essa polarização como uma configuração mitológica, não devemos nos restringir as suas figurações na modernidade, ou ao mundo ocidental. Pelo contrário, é preciso partir do ponto de vista de que essa polarização esta estruturada em processo histórico de longa duração; e que estamos longe de nos vermos distantes dela, no momento. Segundo Wallerstein, nossa entrada no século XXI nos coloca diante de um horizonte em que essas imagens se tornam mais uma vez dramáticas. Trata-se, na verdade, de configurações arquetípicas que nos remetem tanto à Antiguidade Clássica, - aos primórdios da civilização judaico-cristã, assim como à tradição árabe; também entrelaçadas às heranças culturais africanas e indígenas - quanto ao nosso futuro mais imediato. Como escreveu Wallerstein:

“O quadro que venho pintando não é realmente muito agradável. É um cenário de grande desordem, incertezas e insegurança pessoal. É um quadro de problemas estruturais fundamentais para os quais não só não existe qualquer solução fácil, mas talvez até pouca perspectiva de que a coisa se amenize. É um quadro de um sistema histórico em meio a uma grande crise” (Wallerstein, 2003:84).

No entanto, não é o objetivo deste trabalho realizar uma vasta arqueologia dessa dialética tão antiga, e que tende a se prolongar no tempo histórico; nosso intuito é bem mais modesto. Pretendemos apenas remontar à história e à estrutura dessa mentalidade ao contexto da colonização européia, ou melhor, Ibérica, na formação das nações da América do Sul; especialmente do Brasil. Apesar de ter em mente que essa estrutura tem raízes históricas profundas, desejamos aqui fundamentar o argumento apresentado no período histórico, cujo marco é designado como *Descoberta da América*.

VISÃO DO PARAÍSO

O historiador paulista Sérgio Buarque de Holanda, no seu livro clássico *Visão do Paraíso* (1959), enfatizava que, ao contrário dos lusitanos, pouco afeitos à fantasia, foram os espanhóis que mergulharam profundo no maravilhoso mundo das lendas e mitos edênicos na aventura da travessia do Oceano Atlântico. Contudo, observa-se que, na configuração histórica dos mitos de colonização luso-brasileira, analisados nessa obra paradigmática, Sérgio Buarque de Holanda

17 Nesse sentido, as *imagens dialéticas* que são invocadas no texto estão sob a influência das análises benjaminianas (Benjamin, 1984), mas especialmente do modo como são recuperadas por Michael Taussig. Benjamin advogou uma espécie de técnica surrealista denominada “imagem dialética”, noção obscura a qual Theodore Adorno se referia como “quebra-cabeças pictóricos que chocam devido à sua forma enigmática e, através dela, desencadeiam o pensamento”. (...) A “imagem dialética” é *em si uma montagem*, que, ao mesmo tempo, capta as já mencionadas conexões entre dessemelhantes e aquilo que, através desse procedimento, é captado (Taussig, 1993:347).

destaca, numa passagem sintética do capítulo *Um Mito Luso-brasileiro*, a particularidade mitológica lusitana:

“É sempre curioso notar como o São Tomé americano que, para os colonos e missionários do Brasil, não passa, se tanto, de um mito vagamente propedêutico, se vai enriquecer e ganhar maior lustre à medida que a notícia de suas prédicas se expande para oeste, rumo às possessões de Castela. Sendo, como é, de fato o único mito da conquista cuja procedência luso-brasileira parece bem assente, essa circunstância é o bastante, sem dúvida, para dar uma noção da mentalidade que dirigiu cada um dos dois povos ibéricos em sua obra colonizadora” (Holanda, 2000:156-157).

O interessante aqui é sublinhar a expressão “noção da mentalidade que dirigiu cada um dos povos ibéricos”. Sérgio Buarque de Holanda, como se sabe, nessa obra mais especialmente, antecipa a *história das mentalidades*; vertente consagrada na França na década de 1960. Através do diálogo transversal com disciplinas diversas, como a antropologia, a sociologia, a filosofia e a literatura, o historiador brasileiro abre novos caminhos para os estudos do imaginário da época dos descobrimentos marítimos. Escolheu como objeto de análise, investigar a força da sedução pela poderosa metáfora do *Éden*. Para o eminente historiador, esse aspecto é a marca da distinção entre a colonização da América Inglesa e da América Latina. Enquanto na primeira, procura-se realizar, na colônia, o “puro ideal evangélico”, na segunda, move a “esperança de ingressar num Paraíso coberto de riquezas e de bem-aventurança divina como dádiva natural e gratuita” (Holanda, 2000:445).

Na profícua descrição da *geografia fantástica do Brasil*, o tema, explorado repetidamente, era do país como o *Jardim do Mundo*, o *Paraíso Terreal*, onde se concretizaria a crença no mundo intangível, incorpóreo, perdido no começo dos tempos. A importância dos mitos edênicos, no imaginário social da colonização da América, foi inegável e constitui a configuração de um paradigma comum entre espanhóis e portugueses. Todavia, isso é claro, não havia um imaginário europeu homogêneo, já que os portugueses apresentavam mais pragmatismo. Percebia-se também uma mentalidade distinta entre os italianos, que possuíam um tipo de pessimismo ancestral:

“Não é por acaso se justamente entre italianos, mais familiarizados, então, do que outros povos, com especulações de tal porte, tenda a desprender-se, aqui e ali, de um pessimismo adverso à tranqüilidade de ânimo que propugnam os humanistas, a esperança e procura de alguma solução terrena. Nem falta quem, como um Maquiavel, chegue a aceitar, sem ilusões, o mundo como é, imaginando mesmo uma ordem civil edificada sobre esse material imprestável que são os homens, de sorte que a velha ruindade venha a sujeitar-se a novas leis que a neutralizem, num verdadeiro equilíbrio de egoísmos, e que do próprio mal possa brotar o bem, com o soldar-se dos indivíduos corruptos no Estado forte” (Holanda, 2000:232).

Nesse momento, devemos considerar que o carioca Dante Milano tem origem familiar italiana. O lado sinistro, fantasmagórico e desértico da poética de Dante Milano parece ter antecedentes muito profundos no inconsciente da diáspora dos italianos.¹⁸ Porém, sobre as

18 É preciso que se anote que Dante Milano, por ele mesmo, disse: “Não tenho uma idéia exata sobre mim mesmo. A autocritica me é muito difícil porque eu não me contemplo. Concordo com os críticos. Paulo Mendes Campos foi muito penetrante, só não estou de acordo com a afirmação de que sou sinistro, sempre me achei uma doçura; a análise de Franklin de Oliveira me parece muito certa, ele conhece bem as influências que sofri; o Sérgio Buarque de Holanda me deixa em suspenso, porque o seu artigo diz que poderia escrever mais sobre mim, e quanto a Schmidt e Bandeira, é uma explosão da expressão da amizade” (Neves, 1996:165).

supostas explicações e razões “étnicas”, na distinção do caráter de espanhóis, portugueses e italianos, etc., Sérgio Buarque de Holanda alerta:

“Alguns seriam tentados a filiar essa novidade a insondáveis razões étnicas, que pairassem acima de todas as contingências. É um modo, este, de simplificar, não de esclarecer o problema. Poderia lembrar-se também que a tradição e, porventura, certa vocação imperial, não seria estranha ao caráter dos espanhóis, e ainda aqui andaríamos perto daquelas misteriosas razões que pretendem dispensar explicação e inquérito. É exato que neste caso particular, elas têm em seu favor certos fundamentos históricos pelo menos impressionantes” (Holanda, 2000:385).

É o caso exato da poética de Dante Milano que, em sua mitologia pessoal, cultivava com muita serenidade a tradição dos clássicos italianos, começando por Dante Alighieri. Juntamos agora peças de um quebra-cabeça que se articulam de forma bastante plausível – não parece que se força a comparação, ou força-se a realidade, ou os fatos, à camisa-de-força da teoria. Dante Milano cultivou uma herança cultural que reflete o imaginário social e a mentalidade dos migrantes italianos, de acordo com a constatação do historiador Sérgio Buarque, em uma análise que combina e se encaixa perfeitamente com as hipóteses aqui levantadas. Isso explica, ao menos em parte, que, entre os cinco maiores poetas do modernismo brasileiro, Dante Milano tenha-se mantido como um tipo singular, um *outsider*, um forasteiro¹⁹ e um típico *homem marginal* – no sentido dado ao termo pela sociologia norte-americana da Escola de Chicago.²⁰

Essa tal singularidade, produzida pelos efeitos de uma herança cultural particular, efetivamente engendrou um tipo específico de *performance* poética, literária e cultural, que pode servir de explicação para a musealização inusitada e curiosa da Coleção de Magia Negra da Polícia Civil do Rio de Janeiro. Não explica apenas a criação desse acervo, mas também, ao menos em parte, as razões para o pedido de tombamento dessa Coleção heteróclita – que contrastava completamente com a vertente arquetípica dominante, em torno da figura de Lúcio Costa, e também com a mentalidade dos modernistas como Arthur Ramos, Mário de Andrade e outros, que lutavam em suas vidas pela *desatanização* e *desdiabolização* da expressão cultural e religiosa dos negros, ou afro-descendentes, no Brasil.

No caso de Nauro Machado, em São Luís, consideramos alguns títulos de sua vasta bibliografia como indicadores da sua longa e recorrente vinculação ao tema metafísico do Céu e do Inferno, como em *Necessidade do Divino* (1967), *Os Parreirais de Deus* (1975), *Os Órgãos Apocalípticos* (1976), *A Antibiótica Nomenclatura do Inferno* (1977), além dos poemas já citados. Podemos dizer, sem hesitações, que aspectos e particularidades literárias marcantes o aproximam muito de Dante Milano. Não há quem não identifique em Nauro Machado uma poética nuclearmente metafísica, como no poeta carioca, sondando angústias, inquietações e dilacerações do eu mais profundo do ser humano; como escreveu Hidélberto Barbosa:

“Poucos poetas – talvez um Baudelaire, um Antero de Quental, um Augusto dos Anjos – têm, como esse solitário maranhense, enfrentado a tarefa árdua e encantatória de expressar, mas o fazendo sob o regime de uma consciência criadora face às possibilidades do verbo – verbo que é fala, pensamento, imagem e melodia

19 Entrevista de Dante Milano à Denira Rozário: “Para mim não existe brasileiro em arte nenhuma. Não há pintura brasileira, poesia brasileira. Poesia ou é poesia ou não é poesia. Eu não me considero um poeta brasileiro. Me considero um poeta, em qualquer língua. E se vou à imprensa de língua portuguesa, sou um poeta português” (Neves, 1996:115).

20 Há um paralelo interessante também que pode ser feito com o termo “nacional-estrangeiro”, cunhado por Sérgio Miceli (2003).

– os ângulos escusos, os obscuros abismos, as cartilagens doloridas e inescrutáveis da estrutura humana” (Machado, 2012:430).

Encontramos assim muitos pontos de contato e comunicação, entre os dois espíritos poéticos fascinados pela temática metafísica, emoldurados pela tela ampla do maior de todos os dramas, no vertiginoso labirinto dos destinos entre a Luz e as Trevas, entre o Paraíso e o Inferno. Tanto em Nauro Machado, quanto em Dante Milano, seguindo a longa trilha da Antiguidade à Modernidade – de Dante Alighieri, passando por Charles Baudelaire – percebemos a continuidade mítica persistente da temática da morte e do obscuro, do tenebroso e do escuso. Essa polarização dramática atravessa as duas obras literárias, elaborando símbolos e signos oferecidos pela cultura. É na história cultural que vamos encontrar as bases estruturais em que os poetas vão sustentar seu trajeto lírico. E como ilustração dos contrastes na configuração dos imaginários desse drama comum, fundados desde a *Descoberta da América*, podemos pontuar alguns exemplos de narrativas sobre a *Visão do Paraíso* no Brasil, destacando agora as *Cartas do Brasil* do português Pe. Manuel da Nóbrega, escritas em 1549, a respeito de Salvador da Bahia:

“É muito sã e de bons ares, de tal maneira que, com ser a gente muita e ter muito trabalho, e haver mudado os mantimentos com que se criaram, adoecem muito poucos, e esses que adoecem logo saram. É terra muito fresca, de inverno temperado, e o calor de verão não se sente muito. Tem muitas frutas e de diversas maneiras, e muito boas, e que têm pouca inveja às de Portugal. Os montes parecem formosos jardins e hortas, e certamente em nunca vi tapeçaria de Flandres tão formosa, nos quais andam animais de muitas diversas maneiras, dos quais Plínio nem escreveu nem soube. Tem muitas ervas de diverso olor e muito diferentes das de Espanha, e certamente bem resplandece a grandeza, formosura e saber do Criador em tantas, tão diversas e formosas criaturas” (Nóbrega *apud* Holanda, 2000:290).

Tem-se, por fim, os testemunhos do *Mundo sem Mal*, no livro *Diálogos das Grandezas*, de Brandônio:

“(…) porque toda gente, de qualquer nação que seja, prevalece nele com saúde perfeita, e os que vêm doentes cobram melhora em breve tempo. E a razão é o serem estas terras do Brasil mais sadias e de melhor temperamento que todas as demais” (Brandônio *apud* Holanda, 2000:317).

Como corolário dessa mentalidade dividida entre pólos radicais – mentalidade tão poderosa a ponto de deixar marcas profundas nos poetas aqui estudados – difundiu-se por séculos a idéia de que a natureza brasileira em especial é maravilhosa, exuberante e fantástica – verdadeiro Paraíso Tropical. Porém, em contrapartida, o *mal* existe, e persiste; e tem habitado as profundezas dos corações e mentes dos homens e mulheres que povoam a América, abaixo da linha do Equador.

VISÃO DO INFERNO

Entre tantas exaltações e apologias das maravilhas dos trópicos, ver-se-á que não se elaboraram apenas quimeras no imaginário europeu sobre a América; forjaram-se também pesadelos de infernos e purgatórios. Nos estudos que enfocam o outro lado da *Visão do Paraíso*, encontram-se alguns traços significativos desse outro imaginário, o outro lado do espelho refletido. Os textos, *O Diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil Colonial*, de Laura de Mello e Souza (1986)²¹, e o *Diabo nos Porões das Caravelas: mentalidades*,

21 Laura de Mello e Souza escreveu: “A infernalização da colônia e sua inserção no conjunto dos mitos endêmicos elaborados pelos europeus caminharam juntas. Céu e Inferno se alternavam no horizonte do colonizador, passando paulatinamente a integrar também o universo dos colonos e dando ainda espaço para que, entre eles, se imiscuisse

colonialismo e reflexos da constituição da religiosidade brasileira nos séculos XVI e XVII, de Iza Gomes da Cunha Chain (2003), nos oferecem rico material sobre o tema.

Parece não ser necessário frisar que, para o interesse que se tem, essa estrutura polar (Paraíso & Inferno), apesar de mutações e metamorfoses na narrativa moderna, ainda vigora e “dirige” o imaginário dos povos que habitam e constroem suas vidas nas Américas, especialmente no Brasil contemporâneo. Poder-se-ia fazer referência ainda às muitas variantes mitológicas desse núcleo comum – que em muitos aspectos preserva conteúdos compartilhados com os povos fundadores ibero-americanos.

Uma das variantes mais recentes do *mito do paraíso* está no *hit* tropicalista dos anos de 1970, composto por Jorge Bem Jor, *Moro num País Tropical*. No outro pólo, em que se enfatiza o lado infernal da vida nos trópicos, observa-se a proliferação de narrativas sobre *O Mal à Brasileira*, analisadas nesse interessante livro organizado por Patrícia Birman (1997); assim como no escavar mais profundo dos textos analíticos de Joel Birman, presentes no livro *Os Cadernos sobre o Mal* (2009).

O debate sobre o Brasil do *Paraíso* e do *Inferno*, como se vê, tem uma longa data e atravessa séculos. Nossos argumentos se baseiam nessa estrutura de longa duração, para poder compor um quadro de referência interpretativo que possa oferecer uma compreensão mais fundamentada sobre o imaginário do mal que emerge nas poéticas estudadas. Para tal procurou-se investigar o mito que poderia estar na raiz, na base, ou melhor, na “noção da mentalidade que dirigiu” – segundo expressão de Sérgio Buarque – o inconsciente cultural e literário dos dois poetas em foco.

No intuito de ilustrar a configuração do pólo oposto à *Visão do Paraíso*, encontra-se na obra de Iza Chain, *O Diabo nos Porões das Caravelas*, uma visão complementar àquela que o historiador Sérgio Buarque ofereceu, no final da década de 1950. Nesse livro, de Iza Chain, que também segue as orientações teóricas da história das mentalidades, está descrito o imaginário da descoberta, enfocando especialmente o explorador português. A autora, através de levantamento de dados em documentos, narrativas e cartas, encontrou diversos depoimentos que comprovariam que, logo após ter vigorado a crença de que as viagens marítimas poderiam conduzir ao paraíso terreal, começaram a proliferar diversas narrativas em contrário, afirmando que no sul do Equador, na verdade, habitavam os seres do baixo mundo, e que, no Brasil, particularmente, vivia o *Artífice do Diabólico: a Terra Brasil Infernalis*.

Na configuração imaginária da mentalidade lusitana da época dos descobrimentos marítimos, encontram-se análises de diversos autores que contribuem para confirmar essas versões históricas, especialmente a de Michel de Certeau (1970) que:

“(…) não hesitou em apontar o século XVI e os primeiros sessenta anos do século XVII como os períodos mais satânicos da Europa Cristã. Foi nesse contexto, envolta em uma densa aura de satanismo, que a Cristandade europeia aportou em solo americano, pronta a detectar e combater rastros da malignidade diabólica para além do Atlântico singrado” (Chain, 2003:85).

A historiadora portuguesa Maria Benedita Araújo, na obra *Magia, Demônio e Força Mágica*

o Purgatório. Durante todo o processo de colonização, desenvolveu-se pois uma justificação ideológica ancorada na Fé e na sua negação, utilizando e reelaborando as imagens do Céu, do Inferno e do Purgatório. (...) Céu, Inferno e Purgatório alternam-se portanto na montagem do Sistema Colonial” (2005:372).

na *Tradição Portuguesa* (1994), também destacou, nos seus estudos, a significativa presença de *Satanás* no imaginário da sociedade lusitana na época da passagem para a Idade Moderna.

Iza Chain lembra, também, uma questão interessante relacionada à escolha definitiva do nome do país, que começou com o título de *Terra de Santa Cruz* e que depois acabou ficando com o topônimo *Brasil*. Sobre essa mudança o Frade Vicente de Salvador afirmara que o Diabo “perdera progressivamente o controle sobre a Europa e viera se instalar vitorioso na outra banda da Terra, mais especialmente no Brasil”.

“Para o religioso, as artimanhas diabólicas chegavam mesmo a influenciar o nome e a designação de *Brasil*, que passavam a denominar a colônia, lembrando as brasas infernais, avermelhadas” (Chain, 2003:88-89).

No embate entre *Deus e o Diabo na Terra do Sol*²², parodiando o título do filme genial do cineasta baiano Glauber Rocha (1939-1981), os portugueses tornavam-se “etnodemonólogos” por força das circunstâncias, travando uma luta sem fim contra Satã, o Diabo, e as forças do Mal; que poderiam tomar as terras recém-descobertas, da cristandade restaurada, após as guerras de setecentos anos contra os mouros. Nesse combate emergiram representações estereotipadas pautadas no imaginário fantasmagórico e teratológico lusitano: “a terra brasileira ia, dessa forma, sendo integrada ao imaginário da sociedade portuguesa, recebendo, dentro de esquemas eurocêntricos, classificações e valores ditados pelas mentalidades daquela sociedade” (Chain, 2003:90). Essa guerra civilizatória culmina com as *Visitações* do Tribunal do Santo Ofício em 1543 e 1591.

“Captando e promovendo o cruzamento entre as próprias formulações eruditas e as vivências religiosas ao nível popular, o procedimento inquisitorial contribuiu para que o estereótipo da feiticeira e do pacto diabólico se perpetuasse em solo brasileiro, agindo basicamente da mesma forma que na Metrópole, ou seja, criando canais para que se multiplicassem as delações através de editais afixados nas Igrejas, os quais estabeleciam as culpas sujeitas à alçada do Santo Tribunal e as possíveis benesses concedidas aos delatores” (Chain, 2003:92-93).

Toma-se a liberdade de observar que essa configuração histórica, apesar de sofrer transformações no decorrer dos séculos, mantém-se indelével e atual. Constata-se que tal perfil “se perpetuou em solo brasileiro”, principalmente quando se tem em conta as práticas desenvolvidas pelas seitas cristãs pentecostais contemporâneas, que reproduzem a mesma forma de luta religiosa de séculos atrás, utilizando os mesmos estereótipos e representações históricas contra os “barbarismos” imputados aos “diferentes, pagãos, gentios, infiéis, idólatras ou hereges” – todas características consideradas diabólicas, exorcizadas em seus cultos contemporâneos. Convém lembrar, em particular, Vagner Gonçalves da Silva (2007; 2012) que denuncia os extremos de um conflito de longa duração, com roupagens novas.²³ Em outro livro são revelados também diferentes aspectos subjacentes a esses embates religiosos e políticos; trata-se do já referido *O Mal à Brasileira*, organizado por Patrícia Birman (1997).²⁴

22 Filme em película 35 mm, ficção, longa-metragem, preto e branco. Copacabana Filmes. Rio de Janeiro, 1964. Essa película cinematográfica é especialmente apropriada à compreensão da construção narrativa elaborada nesta parte do nosso artigo.

23 Apesar de não constituir o enfoque central de nosso estudo, - em que não apresentamos trabalho de campo determinado no campo religioso afro-brasileiro -, encontramos nas obras organizadas recentemente por Wagner Gonçalves da Silva (2007; 2012) reflexões atualizadas sobre esse embate; mais especialmente no texto de autoria intitulado *Prefácio ou notícias de uma guerra nada particular: Os ataques dos neopentecostais às religiões afro-brasileiras e aos símbolos da herança africana no Brasil* (Silva, 2005; no prelo).

24 Nas festas de final de ano de 2005, em Salvador da Bahia, grupos evangélicos espalharam diversos panfletos que foram colados em telefones públicos (“orelhões”) nos quais atacavam as manifestações religiosas afro-brasileiras,

Seguindo essa mesma trilha e tratando mais especificamente dos ecos e heranças dessa luta, ao investigar as vicissitudes de um longo processo que se alastra desde os Tribunais do Santo Ofício do século XVI até a sociedade brasileira republicana e positivista do início do século XX, - como repercussões difusas num ciclo histórico que não parece findar -, temos as pesquisas sobre os processos de acusação de bruxaria, magia e feitiçaria reunidas por Yvonne Maggie no seu livro *O Medo do Feitiço* (1993). Obra que coloca em evidência aspectos ainda obscuros da lógica cultural e civilizacional que estrutura tais ações e embates no campo religioso brasileiro. Nas pesquisas levantadas são identificados os mesmos repertórios de “adivinhações, curas mágicas, benzeduras, mezinhas, pactos diabólicos, práticas ocultistas, antropofagias, exorcismos praticados pela população laica, conjuntos demoníacos, pessoas enfeitiçadas e malefícios que infestam a colônia brasileira”.²⁵ Pode-se afirmar que tal enfrentamento ainda persiste virulento, e se reproduz até hoje, num sem número de casos espalhados pelo país e pelo continente.

Retornando ao domínio da literatura e da poesia, no qual nos movimentamos nesse texto, considerando particularmente a obra *Trindade Dantesca* de Nauro Machado, mas recuperando outras referências na vasta constelação de textos e obras em que o poeta maranhense desenvolveu o tema do *infernal*, - assim como na obra do poeta carioca Dante Milano -, nos reaproximamos, com novo olhar, desse conjunto imaginário e simbólico de lastro profundo em nossa cultura. É por essa vereda interpretativa que vamos alinhar as palavras finais desse texto exploratório.

LÍNGUA E LITERATURA NO IMAGINÁRIO DO MAL

A língua é um fogo, a maldade do mundo.

Tiago 3, 6.

O objetivo desse texto é tão somente sublinhar a fecundidade do trabalho de investigação antropológica sobre o imaginário social através dos estudos literários. Trata-se de porta aberta e ainda pouco explorada entre nós, no sentido de mergulharmos com segurança, - de mãos dadas com os melhores nomes da literatura brasileira -, no mundo simbólico e imaginário no qual habitamos sem nos darmos conta. Em termos de uma antropologia cultural crítica, faz-se necessário apurar essas ferramentas interpretativas e perscrutarmos com propriedade e sensibilidade, aspectos significativos de nosso modo de ser, pensar e agir sobre, - no nosso caso especialmente -, o mal e a maldade e suas representações socioculturais hodiernas.

Dos autores aqui destacados, vislumbramos com certeza a pertinência dessas análises das estruturas do imaginário social brasileiro sobre a literatura do mal. Os dois poetas em foco colocam em destaque, com muita amplidão de sentimentos, estruturas profundas de nossa mitologia sobre a maldade. Análises que se coadunam com os estudos já referidos nos textos organizados por Patrícia Birman, Regina Novaes e Samira Crespo, em *O Mal à Brasileira* (1997). Compondo, sem dúvida, um capítulo à parte nessa coleção reflexiva sobre tema tão pungente

identificando nelas expressões diabólicas e demoníacas. Após reportagem da Rede Bandeirantes, o Ministério Público encaminhou ação pública e investigação policial, qualificando como crime de intolerância religiosa, já que os ataques se direcionavam aos símbolos tradicionais da cultura afro-brasileira como São Jorge, Senhor do Bonfim e Yemanjá.

25 Sousa, Laura de M. *O Diabo e a Terra de Santa Cruz*. São Paulo: Companhia das Letras (Sousa, 1986:157).

em nossa sociedade; mergulhada como está no turbilhão de incertezas da contemporaneidade tardia.

Reflexões que se aproximam ainda mais das análises psicanalíticas e culturais de Joel Birmam, no seu livro *Cadernos sobre o Mal* (2009); complementando com alcance vertiginoso considerações e interpretações de cunho filosófico e psicanalítico de ampla envergadura.

Nossa contribuição é mais singela, pois tão somente agrega ao escopo dessas análises perspicazes e penetrantes, a dimensão do universo literário e da língua, mais especificamente da língua poética, dessas representações socioculturais. Ao abrir em leque, ou rede, os alcances interpretativos, conecta sem grandes pretensões os Estudos Literários, aos Estudos Culturais e Psicanalíticos, contribuindo para a escavação mais vasta, com instrumentos interdisciplinares mais apurados e testados em outros contextos da produção simbólica brasileira. Como se sabe, desde os estudos antropológicos de Lévi-Strauss, tal preceito se tornou regra investigativa, tomando a língua enquanto sistema, estruturada por instâncias subjacentes à produção dos significados culturais, isto é, à estrutura cultural simbólica. Assim, para além do antropologismo tautológico, é evidente que as equações linguísticas e culturais estão em estreita relação (Lévi-Strauss, 1975), tornando-se desnecessário justificar as pertinências interpretativas em um ou outro campo da produção simbólica e cultural humana, enquanto resultado de um todo complexo de “estrutura de estruturas” (Merleau-Ponty, 1984:197).

Arrematando essas considerações, parece justo colocar que o conjunto da obra poética e literária de Dante Milano e alguns aspectos aqui destacados da obra de Nauro Machado, podem ser analisados como expressões simbólicas de um imaginário social sobre o *mal*, compartilhado transversalmente. Parece-nos que essas expressões artísticas e literárias representam com propriedade a forte presença que a herança cultural e imaginária judaico-cristã²⁶ e européia²⁷ tem na nossa formação cultural e artística (além da africana e indígena)²⁸; com ênfase na tradição romântica do século XIX, entre os quais emergem fulgurantes a obra de W. Goethe de *Fausto*, e Charles Baudelaire²⁹ de *As Flores do Mal*, como referências diretas. Herança cultural e imaginária que foi analisada com muita propriedade na obra já clássica de Georges Bataille *A Literatura e o Mal* (1957), na qual encontramos estudos aprofundados desse tema em autores como Emily Brontë, Michelet, William Blake, Sade, Proust, Kafka e Genet.

26 No *Novo Testamento* encontramos especialmente na Carta de Tiago (3, 6): “A língua é um fogo. Ela é um mundo de maldade, ocupa o seu lugar no nosso corpo e espalha o mal em todo o nosso ser. Com o fogo que vem do próprio inferno, ela põe toda a nossa vida em chamas.”

27 Cabe lembrar que em nosso país a crença na magia é dominante e difundida por todas as classes sociais, como se constata no livro *Medo do Feitiço* (Maggie, 1993).

28 Heranças que não possuem relevo nas obras literárias dos dois poetas analisados nesse texto.

29 No caso específico de C. Baudelaire, digno de nota é o seu famoso e cultuado ‘satanismo’, associado ao ‘vampirismo’. No texto escrito por Jamil Haddad, como introdução à tradução da obra *As Flores do Mal*, de 1958, encontra-se elementos que testemunham a difusão do fenômeno do satanismo no Brasil: “Esses dados sobre o satanismo brasileiro estão sendo tirados de tese nossa [*O Romantismo Brasileiro e as Sociedades Secretas do Tempo*, São Paulo, 1945], em que pudemos demonstrar as relações estreitas do Romantismo com o fenômeno, unanimemente difuso pelo Brasil do tempo da maçonaria. Pudemos nela demonstrar o caráter maçônico de Álvares de Azevedo como as estreitas ligações que se podem lóbrigar entre satanismo literário e satanismo maçônico. Um livro que citamos nesta tese – *Le Diable au XIXème siècle* (1892) de Dr. Bataille [pseudônimo de Léo Taxil (1854-1907)] – dá-nos informações sobre as ramificações brasileiras da maçonaria luciferiana. Estas abrangeriam: a) Província triangular do Rio de Janeiro; e, b) Província triangular da Bahia. A Loja do Rio era a Loja-Mãe e chamava-se ‘Lótus do Brasil’” (Jamil Haddad, In, Baudelaire, 1981:29).

Entretanto, como vimos, essa tradição romântica tem camadas profundas que nos fazem recuperar Dante Alighieri, presente nominalmente nas obras dos poetas estudados. Em Dante Milano, com traduções de vários dos Cantos da *Divina Comédia* e em Nauro Machado, na própria titulação da obra em destaque, *Trindade Dantesca*.

Além disso, apontamos para o fato de a palavra *inferno* aparecer 20 vezes no corpo dos três poemas-cantos de Nauro Machado, e do qual podemos analisar outro aspecto importante. Enquanto em Dante Milano não encontramos referências locais, ou regionais, de uma paisagem coloquial que servisse como cenário para o enquadramento visual do seu *inferno*, – deduzindo-se que se trata de um *inferno* subjetivo, existencial, à lá Jean-Paul Sartre, no célebre enunciado *o inferno são os outros* –; em Nauro Machado, ao contrário, encontramos um cenário referente e explícito: a cidade de São Luís; *terra que é mãe da peste*.³⁰

Portanto, podemos afirmar, dos dois poetas analisados emerge um mundo encoberto teimando em ser ocultado sob as retóricas dos bem-aventurados e contentes, embalados pelas fantasias ufanistas de um tropicalismo pueril e cínico. É certo que sob a capa de um *Brasil Feliz e Alegre*, subjaz um país de sofrimentos e angústias caladas e silenciadas. E é com a força dessas duas literaturas poderosas que vemos balançar as representações superficiais de uma apologia frouxa, amedrontada e primária. Tanto em Dante Milano, como em Nauro Machado, descemos bem ao fundo nas entranhas de um mundo que não se sustenta sem dores, angústias, horrores e malefícios.³¹ Poéticas necessárias avançando muito além da mania acusatória, que incomoda sóbrios bem pensantes, e fracos d'alma. Enfim, obras que nos oferecem luzes penetrantes para atravessar as trevas de uma existência cada vez mais desértica, em tempos demasiadamente conformistas.³²

Tais cantos poéticos nos fazem crer e sugerir a hipótese de que no capitalismo periférico da América Latina, àquele *Inferno na Terra* fruto do estado de espírito atormentado da transição tardia, – apresentada em Wallerstein (2003), como horizonte histórico-cultural predominante na Grande Crise do porvir³³ –, já se anunciava na subjetividade de poetas de expressão como Sousândrade, Augusto dos Anjos, Dante Milano e Nauro Machado; entre nós.³⁴

30 Assim, se pode recolher diversos versos, especialmente no terceiro canto *Pátria do Exílio*, em que a urbe ludovicense é descrita de modo dantesco e vertiginosamente infernal; como se vê nesses versos: *Terra a que os meus olhos dão / uma infernal forma imensa, / abrindo-se nesse chão / de putrescível presença, / para os olhos que verão / como quem cego vê e pensa. // Terra onde sempre vivi, / tremendo de noite e de dia, / desde que de dois nasci / para quem só comigo ia, / com quem depois eu vi / ser a tua companhia.* (Machado, 2008:119).

31 Destarte, recuperamos a força de versos que dialogam sobrevidos de um silêncio que é mais verdadeiro porque o outro fala por linhas invertidas, uma mensagem trocada, como no belo trecho milaniano do poema *Noite*: *Sou como um morto andando à toa. / Oh, esse pensamento / Não vem de mim, vem do alto. / Tive de pensá-lo porque se fez presente / Como o abismo ao suicida. / Desejo transcendê-lo / E transformar o mal imaginário / Num bem presente e invisível.* (Milano, 2004:49).

32 No sentido contrário ao movimento de se ocultar a dimensão tenebrosa da vida, a *hybris* tão decantada pelos poetas em tela, encontramos o filme curta metragem produzido pelo filho de Nauro Machado, Frederico Machado, *Infernos*, 2006.

33 Nosso trabalho destaca o papel da subjetividade nesse processo, no sentido que coloca em relevo o “fator livre-arbítrio” enfatizado por Wallerstein: “Eu traduzo essa estrutura conceitual na língua antiga da filosofia grega. Digo que quando sistemas estão funcionando normalmente, o determinismo estrutural é mais importante que o livre-arbítrio individual e do grupo. Mas, em épocas de crise e transição, o fator livre-arbítrio torna-se central.” (Wallerstein, 2003:86).

34 Dos versos de Nauro Machado, recolhidos do terceiro canto *Pátria do Exílio*, do poema *Trindade Dantesca*, encontramos os ecos musicais de um mesmo mal-estar existencial: *Partir sem leis e regras, / como um pus que é musical*

Porém, os elos interpretativos do longo processo cultural e literário aqui entrelaçados e vasculhados, foram construídos a partir da análise de aspectos relevantes das vidas e das obras dos dois poetas em foco. Destacamos dessas aproximações temáticas alinhavadas transversalmente, o tema de estudo sobre o imaginário do mal. Em análises que contaram com diversos dados e documentos, recolhidos em pesquisas antropológicas que desenvolvemos desde 2001 (Corrêa, 2009). Nesse trajeto interpretativo buscamos compreender a semiótica literária e poética inerente a visão sobre o mal na sociedade brasileira. Através da literatura e da poesia de Dante Milano e Nauro Machado, buscamos uma visada antropológica, isto é, relativizadora, no ‘olhar sobre o mal’; método que não esgotou a riqueza do material ainda a ser perscrutado, nem a abrangência dos problemas que só podemos nos aproximar, até o momento. Assim, é preciso afirmar que ao escolhermos tal vereda para a pesquisa, não deixamos de considerar o que Maurice Merleau-Ponty escreveu sobre *A Dúvida de Paul Cézanne*, em citação aparentemente paradoxal: “Pode-se pois ao mesmo tempo dizer que a vida de um autor nada nos revela e que, se soubéssemos sondá-la, nela tudo encontraríamos, já que se abre em sua obra (Merleau-Ponty, 1984:125-126).

Sob essa perspectiva tentamos encontrar nas suas poesias e literaturas os elementos interpretativos que ‘se abrem em suas obras’ com o objetivo de fazer movimentar o nosso olhar interpretativo. Todavia, muitas dificuldades se apresentaram quase intransponíveis, entre elas as idiossincrasias e circunstâncias do humano em cada artista, como é o caso do silêncio cultivado por Dante Milano, fruto de uma contumaz recusa em se ‘abrir’ publicamente: traço confirmado em vários depoimentos e entrevistas que realizamos com conhecidos, familiares e amigos do poeta. Outra, as dificuldades em relação aos problemas de saúde de Nauro Machado; impossibilitando uma entrevista pessoal mais recente sobre o tema em destaque. Muito embora os aspectos biográficos não sejam radicalmente fundamentais, também não consideramos, como os adeptos do *new criticism*, que o texto literário prescindia da vida e da fala do poeta, pairando autônomo e desvinculado da existência concreta do escritor e do artista.³⁵ Como constatou Merleau-Ponty: “É certo que a vida não *explica* a obra, porém certo é também que se comunicam” (Merleau-Ponty, 1984:122).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi no sentido de vasculhar algumas trilhas abertas dessas estruturas de comunicação, através da análise do imaginário do mal nas poéticas em destaque, que encontramos ressonâncias surpreendentes entre autores aparentemente distantes e ainda separados muito rigidamente, tanto pelas fronteiras geográficas, quanto pelas fronteiras acadêmicas, das chamadas Ciências Humanas estabelecidas. A partir de estudos e análises literárias das obras e biografias dos autores enfocados, penetramos no imaginário social sobre *mal à brasileira* e abrimos os alcances interpretativos para um tipo de arqueologia das representações sobre o mal na cultura ocidental, deparando-nos com clássicos de vasta expressão civilizacional.

Nestas palavras finais, alinhavamos o desfecho desse texto exploratório, de uma pesquisa

/ sabendo o amor que desregra / as lisuras do ideal, / murcha idéia a ser das regras / do útero – este eterno mal. (Machado, 2008:132).

35 Como Sérgio Buarque de Holanda, também nos afastamos de “alguns doutrinadores modernos, muito agarrados ao que chamam supersticiosamente o ‘texto’” (Holanda, 1978:122).

ainda em andamento³⁶, com as reflexões de um mestre da análise do sistema-mundo, Immanuel Wallerstein (2003). Nessa obra, em que perscruta as prospectivas utópicas da modernidade tardia, o eminente sociólogo se utiliza das metáforas *Paraíso e Inferno*, que aqui nós vimos se descortinar de modo exemplar. Nossa atenção recaiu mais particularmente na referência ao capítulo segundo dessa obra, intitulado *A Difícil Transição ou o Inferno na Terra?*

Nosso trabalho, ao aproximar reflexões de âmbito epistemológico diversificado, acabou por sedimentar as possibilidades de uma nova visão unitária do campo epistêmico, ainda considerado fragmentado e desconexo, estreitando análises ainda isoladas e compartimentadas. Ao lermos o capítulo em questão, compreendemos que a expressão literária impressa nas obras dos autores investigados nesse texto, anunciam de modo pungente e poderoso as linhas de força desse *inferno na terra*, sugerido por Wallerstein. Do mesmo modo que de maneira premonitória encontramos em Sousândrade o prelúdio delirante de um *Inferno em Wall Street*, na obra *Guesa* ([1871] 2003), vislumbramos em Dante Milano e Nauro Machado a agonia dilacerante de uma sensibilidade moderna em crise; com traços e sotaques próprios ao capitalismo periférico.³⁷ Os entrelaçamentos da subjetividade desses poetas e intérpretes da modernidade agonizante - com os processos históricos e culturais que emolduram o imaginário social e literário em foco, atravessando o século XX - nos servem de material simbólico de análise que consideramos de fundamental importância para os estudos das estruturas antropológicas do imaginário social contemporâneo.

Nossa hipótese se sustenta na ideia de que as duas literaturas em análise oferecem elementos simbólicos antecipatórios do *Inferno na Terra*, de Wallerstein (2003), expressando a crise profunda do homem moderno, habitando o terceiro estágio do capitalismo nos trópicos. Consideramos que ao romper com a Tradição, grande guia da alma clássica, lançam-se num abismo profundo, em que a subjetividade poética se debate e tenta se equilibrar, - do mesmo modo que aquele homem *barroco*, que se viu lançado no deserto de um real abalado pelo destronamento do geocentrismo, do heliocentrismo e do antropocentrismo dominantes.³⁸

Em suma, sugerimos que os dois poetas objeto desse trabalho investigativo antecipam *à brasileira*, nossa *estadia no inferno*, - parodiando o título da obra de Jean-Arthur Rimbaud, publicada em 1873. O porvir de uma sociedade *mefistofélica*, anunciada como um dos possíveis resultados da bifurcação sistêmica³⁹ em que nos encontramos no início do século XXI, sugerido por Wallerstein (2003), encontram-se nessas antecipações visionárias, carregadas de particularidades e singularidades tropicais.

Acreditamos que a literatura parece ser a porta aberta para a expressão desses conteúdos vinculados a angústia subjetiva e existencial (sociopsicológica) mais visceral, manifestando de seu âmago, a construção de novas esperanças históricas e culturais. Cabe a antropologia cultural crítica aprimorar o trabalho interpretativo nesse momento em que novamente se anunciam

36 Estágio de Pós-doutorado na UFRJ, no ano de 2006, com o apoio do CNPq, e no segundo estágio na UERJ, nos anos de 2009-2010, com apoio da FAPEMA.

37 Vemos paralelos desse processo subjetivo, literário e cultural, na obra *Waste Land*, de T. S. Eliot; muito bem analisada por Roger Bartra em *Culturas Líquidas em La Tierra Baldia* (2008).

38 Análise sobre a cultura barroca apresentamos em texto *O Labirinto dos Significantes na Cultura Barroca*, publicado na Revista *Psicanálise e Barroco* (Corrêa, 2010).

39 "... a ciência da complexidade nos está ensinando que, nesse tipo de situações caóticas resultantes de uma bifurcação, o resultado é inerentemente imprevisível. Nós não sabemos - não podemos saber - como será o resultado disso tudo. O que sabemos é que o sistema atual, como está, não pode sobreviver." (2003:85).

grandes transformações que abalarão vertiginosamente nossas concepções corriqueiras do mundo.

REFERÊNCIAS

- Andrade, Mário de. 1979. *Macunaíma*. São Paulo: Ed. Martins.
- Araújo, Maria Benedita. 1994. *Magia, demônio e força mágica na tradição portuguesa: séculos XVI e XVII*. Lisboa: Ed. Cosmos.
- Bataille, Georges. 1989. *A Literatura e o Mal*. Porto Alegre: Ed. LPM.
- Baudelaire, Charles. 1981. *As flores do mal*. São Paulo: Ed. Max Limonad.
- Bartra, Roger. 2008. *Culturas líquidas em la tierra baldia*. Buenos Aires: Katz.
- Benjamin, Walter. 1984. *Origem do drama barroco alemão*. São Paulo: Brasiliense.
- _____. 1989. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense.
- Birman, Patrícia (Org.). 1997. *O mal à brasileira*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ.
- Birman, Joel. 2009. *Cadernos sobre o mal*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Certeau, Michel de. 1970. *La possession de Loudun*. Paris: Gallimard-Juliard.
- Chain, Iza Gomes da Cunha. 2003. *O diabo nos porões das caravelas: mentalidades, colonialismo e reflexos da constituição da religiosidade brasileira nos séculos XVI e XVII*. Juiz de Fora: Ed. UFJF, Campinas: Pontes Editores.
- Corrêa, Alexandre Fernandes. 2009. *Museu mefistofélico*. São Luís: EDUFMA.
- _____. 2010. *O Labirinto dos Significantes na Cultura Barroca*. *Psicanálise & Barroco em Revista*, v. 7, p. 12-34.
- Holanda, Sérgio Buarque de. 1978. *Cobra de Vidro*. São Paulo: Perspectiva.
- _____. 2000. *Visão do paraíso*. São Paulo: Ed. Brasiliense.
- Junqueira, Ivan. 2004. "Apresentação e biobibliografia. Dante Milano: o poema emocionado." In *Milano, Dante: Obra reunida*. Rio de Janeiro: ABL.
- Lopes, Raimundo. 1970. *Uma Região Tropical*. Rio de Janeiro: Seleta.
- Machado, Nauro Diniz. 2008. *Trindade dantesca*. São Luís/MA.
- _____. *Província: o pó dos pósteros*. São Luís: Edição do autor, 2012
- Maggie, Yvonne et al. 1992. *Medo do Feitiço*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional.
- Merleau-Ponty, Maurice. 1984. *Textos escolhidos*. Coleção Os Pensadores. Rio de Janeiro: Abril Cultural.
- Miceli, Sergio. 2001. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo, Companhia das Letras.
- _____. 2003. *Nacional estrangeiro*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Milano, Dante. 1979. *Poesia e prosa*. Org. e apres. Virgílio Costa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: Núcleo Ed. da UERJ.
- _____. 2004. *Obra reunida*. Apresentação de Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: ABL.
- Neves, Thomaz Guilherme Albornoz. 1996. *Um certo Dante*. Dissertação (Mestrado em Letras). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- Silva, Vagner Gonçalves da. (Org.). 2007. *Imaginário, Cotidiano e Poder - Memória Afro-Brasileira*, Vol. 3. 1. ed. São Paulo: Selo Negro, 204 p.
- _____. (Org.). 2007. *Intolerância religiosa. Impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro*. São Paulo, 1. ed. São Paulo: EDUSP, 328 p. p.
- _____. 2007. "Neopentecostalismo e religiões afro-brasileiras: Significados do ataque aos símbolos da herança religiosa africana no Brasil contemporâneo." *Mana*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, Apr.

- Sousa, Laura de Mello e. 1986. *O diabo e a terra de santa cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Sousândrade, Joaquim de. 2003. "O Guesa". In Williams, Frederick G.; Morães, Jomar (orgs.). *Poesia e Prosa Reunidas de Sousândrade*. São Luís: Edições AML.
- Taussig, Michael. 1993. *Xamanismo, colonialismo e o homem selvagem: um estudo sobre o terror e a cura*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Wallerstein, Immanuel. 2003. *Utopística, ou as decisões históricas do século XXI*. Petrópolis, RJ: Vozes.

HOMELAND OF HELLS: THE IMAGINARY OF EVIL IN THE POETRY OF DANTE MILANO AND NAURO MACHADO

The article is an introduction to cultural analysis of the imaginary of evil, expressed in the works of two Brazilian poets from different regions of the country. It is a comparative study of the poetry of Dante Milano, from the state of Rio de Janeiro and Nauro Machado, from the state of Maranhão, which proposes an archaeological excavation of the remains of the representation of evil in the unconscious social. The study is based on the idea of a Brazilian literary anticipation of "Hell on Earth", as analyzed in Wallerstein's "Utopistics".

Keys-words: imaginary, literature, evil, poetry